



# Biblioteca Feminista Mônica de Menezes Campos

Acervo de Bibliografia Feminista  
de Relações Internacionais





## VASCONCELOS, I.S. “SOMOS MADRES DE FAMÍLIA, ESTAMOS AQUI PARA TRABALHAR”: TRABALHO, ASSÉDIO MORAL E SEXUAL DE VENEZUELANAS EM BOA VISTA- RR.

Maria Vitória de Araújo Mourão

### *Credenciais da autora*

Iana dos Santos Vasconcelos é Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar (bolsista FAPESP proc. n 2016/ 14055-0), Mestre em antropologia social -UFPE/UFRR (2013), graduada em ciências Sociais com habilitação em antropologia pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima- UFRR (2007), e especialista em História Regional-UFRR (2009), licenciada em história (2014) . Atualmente é pesquisadora do Laboratório de Estudos Migratórios- LEM - UFSCar, Grupo Interdisciplinar Sobre Fronteiras da UFRR- GEIFRON e e Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia- GEMA/UFAM.

### *Resumo e informações principais do texto*

O artigo tem por objetivo principal analisar os diferentes tipos de assédio as quais as migrantes venezuelanas sofrem na cidade de Boa Vista - RR. Esse artigo se faz necessário por abordar a temática das migrações através de um recorte de gênero, em contexto em que meninas e mulheres se tornam mais vulneráveis a sofrerem violações de seus direitos/a sofrerem violências. A análise trazida pela autora é resultado de uma pesquisa de campo feitas entre o período de setembro de 2016 a junho de 2017 que fazem parte de sua tese de doutorado que na época estava em curso.

A autora divide seu texto em 03 momentos diferentes. A priori, se faz um aparato histórico das migrações venezuelanas no Estado de Roraima, ela explicita que nos últimos anos a população venezuelana vem se deslocando internacionalmente de forma mais intensa, isso



devido a grave crise de cunho político e econômico no país. Boa Vista, enquanto capital de um Estado fronteiriço, se torna a menina dos olhos de quem se desloca, onde enxergam na mesma um novo mundo de oportunidades. A conhecida "Avenida Venezuela" se configura como uma das ruas mais movimentadas da capital, onde se encontram os mais diferentes tipos de estabelecimentos comerciais, e vários sinais de trânsito no cruzamento entre outras avenidas que interligam bairros com a parte central da cidade. Esse cenário se torna o local de trabalho para homens e mulheres migrantes, que se encontram dispostos a trabalhar em qualquer posto e atividade considerada subalterna, como o encontrado nos semáforos da Avenida Venezuela. Eles oferecem garrafinhas de água, panos de prato, produtos de gênero alimentício ou serviços como limpar o para-brisa em troca de pagamento ou uma doação qualquer.

Vasconcelos (2017) afirma que as imigrantes venezuelanas, enquanto mulheres, se encontram atingidas de forma ainda forte pelas desigualdades de gênero, principalmente no que diz respeito às situações de precariedade de trabalhos, e acabam por se tornar vítimas de assédio. A renda deveria ser suficiente para as manterem, manterem seus filhos, e garantir ainda o sustento de sua família no país de origem. Assim, a rua, para as trabalhadoras venezuelanas, se torna um espaço tanto de proteção a situações de violência quanto se torna propulsor da mesma. Segundo a autora, muitas optaram pela rua para escapar de opressões e cotidianos de violência no âmbito doméstico. Em um cenário onde na rua elas protegem umas às outras e podem contar também com a proteção de companheiros homens.

A seguir autora cita um ponto muito importante, ela diz que embora encontrem no trabalho nas ruas uma certa rede de apoio, elas consequentemente se tornam alvos mais vulneráveis a sofrerem violência das mais variadas formas:

“(…) A experiência na rua as torna mais suscetíveis a diferentes formas de violência. Praticamente todas as mulheres já passaram pela experiência de assédio sexual, entendido aqui de acordo com suas narrativas como atos de desrespeito, constrangimento e humilhação que visam o favorecimento sexual no exercício do seu trabalho. Já o assédio moral, conforme suas concepções, tem relação direta com ações que tem objetivo de ferir sua dignidade moral, associando seus comportamentos com atos ilegais e imorais.” (VASCONCELOS, 2017, p. 5)

Para Vasconcelos (2017) existe uma questão da diferenciação de gênero no trabalho na rua onde são assumidos estereótipos em que os homens são frequentemente associados à marginalidade e as mulheres à prostituição - evidenciando estigmas da sociedade sobre o que as pessoas deveriam ser. Ações de assédios contra migrantes são baseados constantemente nesses atributos depreciativos, onde essas violências giram em torno de expectativas de que essas mulheres cedam ao "apelo sexual". Ou seja, predomina-se a impressão de que as

migrantes venezuelanas, por se encontrarem em situação de vulnerabilidade e precariedade financeira, estão dispostas a aceitarem qualquer tipo de emprego, não importando as condições do mesmo. Como uma forma de defesa a esses estereótipos impostos, venezuelanas que trabalham nas ruas (em semáforos, avenidas) a todo momento reforçam que são trabalhadoras, cristãs e mães de família. Essa afirmação de valores demonstra uma tentativa de se protegerem do senso comum brasileira e possíveis reações de violência. Ainda, há problemática da falta de assistência por falta de órgãos públicos na assistência a essas mulheres. “O desconhecimento das leis brasileiro, associado a uma percepção de cidadã/o de segunda categoria é um elemento que inibe a denúncia de violência prática por autoridades policiais.” (VASCONCELOS, 2017, p. 7)

Por fim, a autora conclui que o padrão migratório em que a cidade de Boa Vista está inserida vem demonstrando singularidades de uma migração transfronteiriça, onde a oferta de vagas de trabalho atrelados a uma esperança de melhoria de condições de vida atrai migrantes venezuelanos para a capital. As mulheres venezuelanas se deslocam para a cidade no intuito de encontrar uma alternativa de geração de renda para sua família, estejam junto com elas ou no país de origem. A rua então se torna uma forma de se proteger de situações de violência, pois encontram redes de apoio compartilhadas por outras compatriotas na mesma situação, no entanto, a rua também se apresenta como um espaço propulsor de violência e vulnerabilidade. As formas de violência, segundo a autora, ocorrem de formas diferentes entre os gêneros, onde as mulheres são as principais vítimas do assédio sexual, enquanto os homens são os mais afetados com violência física. Vasconcelos (2017) finaliza afirmando que quando se trata da violência institucional e do descaso das autoridades públicas, ambos os refugiados são afetados igualmente.

## *Comentários*

O texto está muito bem estruturado, e a linguagem torna a leitura mais fluida e de fácil entendimento. A temática abordada pela autora se faz muito urgente, em um cenário onde os migrantes venezuelanos são constantemente vítimas de violações de direitos humanos no contexto Roraimense, onde se tornam alvo de xenofobia, violências físicas, morais e sexuais. Mulheres e meninas venezuelanas se configuram como as mais suscetíveis a sofrerem violências, principalmente de cunho sexual (podendo destacar o assédio e a exploração sexual), onde muitas vezes não conseguem contar com uma rede de proteção e assistência institucional,

sendo tratadas como inferiores e com descaso, agravando o quadro de vulnerabilidade das mesmas. Indico o artigo a todos aqueles que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre migração e refúgio venezuelanos através de um recorte de gênero.



# QUEM ESCREVEU?

*Maria Vitória de Araújo*

